

Notas sobre as estruturas dos predicados em Manxineru

Fábio Pereira Couto¹

Resumo

Este artigo trata de dois tipos de predicados em Manxineru (Yine), língua pertencente à família Aruák: predicados verbais e predicados nominais, os quais têm respectivamente verbos e adjetivos como núcleo. Mostramos que, em Manxineru, o alinhamento é ativo-estativo e que a marcação de tempo na língua é feita lexicalmente na estrutura sintática das sentenças. Tecemos também algumas considerações acerca de aspecto, modo e modalidade nessa língua.

Palavras-chave: Língua Manxineru. Sintaxe. Alinhamento. Tempo, aspecto, modo e modalidade.

Abstract

This paper deals with two types of predicates in Manxineru (Yine), a language belonging to the Aruak Family: verbal and non-verbal predicates, which have respectively verbs and adjectives as nucleus. We show that Manxineru has an active-stative alignment, and that tense is expressed lexically in the syntactic structure of sentences. We also present some considerations on the expressions of aspect, mood and modality in that language.

Keywords: Manxineru language. Syntax. Alignment. Tense aspect, mood and modality.

Introdução

Neste trabalho, tratamos de alguns aspectos da estrutura básica da sintaxe da língua Manxineru, com foco especial em dois dos seus tipos de predicados: predicados verbais e nominais. A língua Manxineru é uma das duas variedades dialetais da língua mais conhecida como Yine, sendo a outra a variedade Piro, falada no Peru. A variedade Manxineru, que é foco de nossa pesquisa, conta hoje com 1007 falantes, sendo a maior parte destes bilíngues em Manxineru-Português. Os Manxineru vivem no noroeste do estado do Acre, na terra indígena Mamoodate (município de Assis Brasil), próxima à tríplice fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia.

Há uma literatura linguística considerável sobre a variante Piro, da qual se destacam os trabalhos pioneiros de Matteson (1951, 1954, 1955 e 1965). Outros linguistas que contribuíram para os estudos linguísticos do Piro formam

¹ Professor da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e pesquisador do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI-UnB).

Lin (1997) e Sebastián (2006), mas é a gramática de autoria de Hanson (2010), *A Grammar of Yine (Piro)*, o estudo gramatical mais atual e mais amplo sobre a morfossintaxe dessa língua. Já sobre a variante Manxineru, a literatura é escarça, destacando-se meus próprios estudos sobre a fonologia (2012, 2014, 2017) e sobre aspectos da morfologia e morfossintaxe dessa língua (2016). Há ainda dois estudos de autoria de Silva ²(2008, 2013) e um estudo de autoria de Cabral, Manchinery, Couto e Manchineri (2015).

Argumentamos no presente artigo que, na língua Manxineru, há dois tipos principais de predicados, os de natureza não-verbal e os de natureza verbal. A distinção básica entre eles está nos seus respectivos núcleos: se nome ou adjetivo ou se um verbo. Na seção 1, descrevemos a estrutura dos predicados não-verbais. Na seção 2, tratamos dos predicados verbais. Na seção 3, levantamos a hipótese acerca do alinhamento em Manxineru e na seção 4, discutimos as expressões de tempo, aspecto, modo e modalidade na língua em estudo.

Na análise dos dados, apoiamo-nos principalmente em Conseriu (1972), Dixon (1979, 1995), Comrie (1976, 1981, 1985, 2009), Aikhenvald e Dixon (1999a), Rodrigues (1953, 2002), Aikhenvald (1999b, 2006) e Palmer (1986).

1. Predicados não-verbais

Há, em Manxineru, predicados apresentativos, essivos e existenciais/estativos. Os predicados nominais têm por núcleo nomes e os estativos adjetivos. Não há em Manxineru verbos com função copulativa, tendo os predicados não-verbais um nome ou um adjetivo.

1.1 Predicados existenciais

Predicados existenciais têm função apresentativa e seu núcleo é uma expressão nominal e seu sujeito está em uma relação de posse com respeito ao predicado (1-3).

- (1) tʃie hi-kafiri
este ³S.M.POSS-arco
'este é o arco dele'

² O primeiro trabalho é uma dissertação de mestrado, que descreve a fonologia segmental da língua Manxineru. O segundo diz respeito à tese de doutorado, em que a autora descreve aspectos gramaticais da língua Manxineru.

³ Glosa utilizada nesse trabalho: 1S = primeira pessoa singular; POSS = possessivo; 3S = terceira pessoa singular; F = feminino; M = masculino; MD.POSS = mediador de posse; LOC = locativo; NMLZ = nominalizador; C.V = categorizador verbal; SUJ = sujeito; PL = plural; imperfeito; CLASS = classificador; O = objeto; PASS = passiva; PRIV = privativo; REFL = reflexivo; PERF = perfectivo. PROG = progressivo; FRUST = frustrativo; PROG = progressivo; CONJ = conjunção; NEG = negação; ENF = enfático; INT = interrogação; ANT = anterior.

- (2) tʃie no-retʃi-ne
 este 1S.POSS-pai-PL
 ‘estes são nossos pais’
- (3) tʃiene no-hiʃata-te
 esta 1S-enxada-MD.POSS
 ‘esta é minha enxada’

1.2 Predicados essivos

Outro tipo de predicado não-verbal é de natureza nominal é o predicado “essivo” inclusivo. Tem por núcleo uma expressão nominal e se caracteriza por expressar um estado ou uma condição contingente (4-5).

- (4) wale kahotʃi
 ele pajé
 ‘ele é pajé’
- (5) hita maka-li
 eu ensinar-NMLZ
 ‘eu sou professor’

Os predicados essivos atributivos têm como núcleo um adjetivo, como demonstramos em seguida.

Exemplos:

- (6) mitse-ro hitʃa
 alto/ser alto-3SF eu
 ‘eu sou alto’
- (7) wala ma-kihile-ro
 ela PRIV-bonito-3S.F
 ‘ela é feia’

1.3 Predicados estativos

Predicados estativos denotam estado de existência relativo ao sujeito. Nesse caso, a existência é construída. O predicado é marcado por sufixo de aspecto ou por um verbo posicional.

- (16) ri-pi-ka-na
3PL-chegar-C.V-PL
'eles/elas chegaram'

Exemplos contendo predicados transitivos que exigem dois argumentos, um interno, outro externo:

- (17) ni-ka-li=hita=Ø-ni-ka
comer-C.V-NMLZ=carne de caça-3S.M-1S.M.comer-C.V
'eu como carne de caça'

- (18) hona-ha ni-ra-ni
água-CLASS 1S-beber-IMPERF
'eu vou beber água'

- (19) wale hahamina kasta-ka-ni
ele árvore/madeira cortar-C.V-IMPERF
'ele vai cortar árvore/madeira'

- (20) wala to-fo-ti-li
ela 3S.F-soltar-3S.M.O
'ela o soltou'

Exemplos contendo predicados transitivos com três argumentos (os chamados bitransitivos) apresentam um argumento externo e dois internos:

- (21) jima ne-ne-ka-li
peixe 1S-dar-C.V-3M.O
'eu dei o peixe (para) ele'

2.1. Voz passiva, voz reflexiva e a redução de valência

Em Manxineru, as vozes passiva e reflexiva são marcadas gramaticalmente por meio de morfemas presos. Assim, o sufixo {-ka} marca a voz passiva e o {-nawa} marca a voz reflexiva. Tanto a voz reflexiva como a passiva resultam na redução de valência do verbo.

Exemplos de voz ativa (exemplos em a.) em contraste com exemplos na voz passiva (exemplos em b):

- (22) a. r-e-ta-lo
3S.M-ver.C.V-3S.F.O
'ele viu ela'

- b. wale kasta-ka-nawa
 ele cortar-C.V-REFL
 ‘ele se cortou’

- (28) a. hi-jtʃi-ka to-mjo
 3S.M-queimar-C.V 3S.F.POSS-mão
 ‘ele queimou a mão dela’

- b. hi-jtʃi-ka-nawa
 3S.M-queimar-C.V-REFL
 ‘ele se queimou’

Nos exemplos descritos acima, mostramos a realização tanto da voz passiva e voz reflexiva como também da redução de valência dos verbos transitivos, que exigem dois argumentos na voz ativa e passam a ter apenas um argumento na voz passiva e na voz reflexiva.

3. Reflexões sobre alinhamento na língua Manxineru

À luz dos estudos sobre alinhamento de Dixon (1979, 1994) e Comrie (1981), descrevemos, nesta seção, aspectos do padrão de alinhamento em Manxineru.

De acordo com Dixon (1979) e Comrie (1981), a marcação de caso no predicado verbal se refere às relações gramaticais estabelecidas entre o verbo e seus argumentos. Em função sintática, a marcação de caso diz respeito aos argumentos que preenchem a função de sujeito e de objeto, e na semântica, possuem ou não o controle do processo expresso pelo verbo.

Dixon (1995:6) considera que todas as línguas trabalham com três relações primitivas:

S - sujeito intransitivo

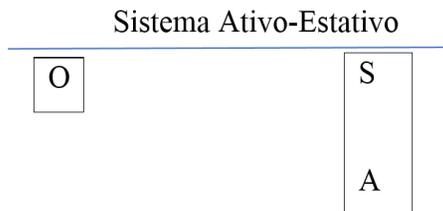
A - sujeito transitivo

O - objeto transitivo

Conforme postulado pelo autor, uma língua com alinhamento Nominativo-Acusativo agrupa (S) e (A). A língua Manxineru alinha (A) e (Sa), portanto apresenta um alinhamento nominativo. Por outro lado, alinha o objeto dos verbos transitivos (O) e os sujeitos de predicados estativos (So), ou seja, argumentos pronominais que não possuem o controle da predicação. Esta distribuição de marcação argumental, por distinguir argumentos ativos de estativos, tem sido chamado de um sistema de alinhamento ativo-estativo, que é comum à maioria das línguas pertencentes à família Aruák.

3.1 O alinhamento ativo-estativo do Manxineru

Os prefixos pessoais marcam o sujeito de predicados intransitivos e transitivos ativos conforme representamos na ilustração seguinte.



Exemplificando o sistema de alinhamento Ativo-Estativo do Manxineru.

Alinhamento (A) e (Sa):

- (29) hi-tepala-ta
3S.M-sentar-C.V
'ele sentou'
- (30) ri-jo-ka-taka
3S.M-acordar-C.V-PERF
'ele já acordou'
- (31) n-asi-ka-taka
1S.M-correr-C.V-PERF
'eu corri'
- (32) ri-jla-ta-lo
3S.M-matar-C.V-3S.F.O
'eu a (jiboia FEM) matei'
- (33) ti-jla-ti
3S.F-matar-3S.M.O
'ela o (onça) matou'
- (34) hahamīna ri-kasta-ka
pau 3S.M-cortar-C.V
'ele cortou pau'

- (35) ri-kasta-ka-li
 3S.M-cortar-C.V-3S.M.O
 ‘ele o (pau) cortou’

Como pode ser visto nos exemplos dados, os verbos transitivos (32-34) e os verbos intransitivos (35-38) se combinam com prefixos pessoais de terceira pessoa {ri- e ti-}, que marcam o sujeito, configurando um alinhamento nominativo. Por outro lado, o sujeito de predicados de natureza não-verbal, assim como o objeto de predicados estativos, é marcado com a mesma série de sufixos pessoais. Entretanto, por distinguir atividade versus estatividade, o alinhamento em Manxineru configura-se como um alinhamento Ativo-Estativo, conforme representamos na figura abaixo.

Sistema Estativo



Exemplificando o sistema de alinhamento Ativo-Estativo do Manxineru.

Alinhamento (So) e (O):

- (36) honana-ha-lo
 sede-CLASS-3S.F.SUJ
 ‘ela está com sede’
- (37) mitse-ri
 grande-3S.M.SUJ
 ‘ele é grande’
- (38) ma-jhi-ti
 PRIV:sem-dente-3S.M.SUJ
 ‘ele não tem dente’, ‘ele está sem dente’

Os exemplos (39-41) evidenciam, que em predicados estativos, os morfemas de terceira pessoa {-lo, -ri e -ti} marcam o sujeito da sentença (So), enquanto que nos predicados ativos transitivos (35-38), esses mesmos morfemas marcam o objeto (O), o que caracteriza o Manxineru como uma língua de alinhamento Ativo-Estativo. Ou seja, em predicados ativos o objeto recebe a mesma marcação de caso que sujeito de predicados estativos.

4. A expressão de tempo, aspecto, modo e modalidade

O propósito dessa seção, mesmo que de forma não exaustiva, é o de descrever alguns aspectos, identificados em nossa pesquisa, das expressões de tempo, aspecto, modo e modalidade em Manxineru.

4.1 A lexicalização do tempo ou o tempo lexical

Diferentemente do que é descrito para línguas ocidentais, a maioria das línguas indígenas sul-americanas não apresenta a categoria de tempo marcada morfológicamente. Dessa forma, a distinção entre presente e passado é percebida pelo contexto de uso (relação pragmática). Nesse sentido, Comrie (1976:9) corrobora essa premissa, quando diz que muitas línguas ao redor do mundo não possuem uma categoria temporal marcada gramaticalmente, contudo, possivelmente, todas essas línguas possuem uma referência temporal expressa lexicalmente, ou seja, faz-se o uso de advérbios e/ou outra classe de palavra que localizam uma dada situação no tempo.

Comumente, a ideia de categoria de tempo é descrita como aquela que situa os eventos de fala na linha temporal. Comrie (op. cit, p. 4) relaciona o tempo da situação referida a algum outro tempo, normalmente o momento da fala. Cabe salientar, ainda, segundo o autor, que a categoria de tempo não é expressa por meio de flexão em todas as línguas.

No caso específico do Manxineru, a noção de tempo não é marcada gramaticalmente na morfologia da palavra, mas expressa por meio de advérbios e de nomes. Essa realização fica evidenciada nos exemplos seguintes.

Presente:

- (39) tʃawakini Ø-ni-ka no-kale-ta
agora 1S-comer-C.V 1S-querer-C.V
'eu quero comer agora'

Passado:

- (40) kapetehone Ø-ni-ka
ontem 1S-comer-C.V
'eu comi ontem'

- (41) tʃehohone Ø-ni-ka
hoje 1S-comer-C.V
'eu comi hoje'

Futuro:

- (42) jetjikawa jĩma Ø-ni-ki-li-ni
 amanhã peixe 1S-comer-C.V-3S.M.O-IMPERF
 ‘eu vou comer o peixe amanhã’
- (43) hikinahatfiripa wi-ta-ka=ja
 depois 1PL-ir-C.V=LOC
 ‘depois nós vamos parar lá’
- (44) naritsi siti mati-ri n-ali-ka
 futuramente um filho-3M 1S-querer-C.V
 ‘futuramente eu quero um filho’
- (45) t̥awakiniriti hepi miteri-ne no-wapa
 atualmente dois filho-PL 1S- ter
 ‘atualmente eu tenho dois filhos’
- (46) hinatfiripatfi hepi miteri-ne no-li-ka
 futuramente dois filho-PL 1S-querer-C.V
 ‘futuramente eu quero dois filhos’

4.2 Aspecto

Em uma perspectiva geral, tanto aspecto como tempo têm sido associados ao verbo e não ao nome ou ao adjetivo, por exemplo. Por outro lado, há autores que estendem a noção de aspecto também a predicados de natureza nominai. Para Comrie (1976:6), o aspecto pode ser entendido como ‘referência à estrutura interna de uma dada situação’.

Considerando essa visão, aspecto relaciona-se com a estrutura interna dos eventos e processos, mas também pode relacionar-se a um estado ou a uma situação estática. Há línguas em que nomes predicam, como as línguas indígenas da família Tupi-guarani (cf. Rodrigues, 2002). Em línguas como essas, pode-se dizer ‘comecei a ficar branco’, em que o tema para branco pode combinar-se com o sufixo inceptivo.

Comrie (op. cit.) afirma ainda que é comum a confusão de entendimento acerca de *aspect* (aspecto em português) e *tense* (tempo em português). Segundo o autor, isso se faz, entre outros fatores, porque conceitualmente a terminologia tempo é mais difundida que a terminologia aspecto.

Nas concepções de Vendler (1967), a distinção de aspecto tem a ver com processos verbais, tais como: processos, estados, disposições, ocorrências,

tarefas, *achievements*, entre outros e não pode ser feita somente em termos de tempo, embora o tempo seja uma categoria crucial. Outros fatores, segundo o autor, devem ser considerados, como a presença ou ausência de um objeto, condições, estado da arte das coisas. Em sua classificação, Vendler (1967) distingue estado, atividade, *accomplishment* e *achievement*. Para o autor, o conceito de atividades é relacionado por períodos de tempo que não são únicos ou definitivos. Assim, *accomplishment* se refere à noção de tempo original e definitivo em um determinado período. De forma análoga, *achievement* se refere a realizações que envolvem momento único e definitivo; estados envolvem instantes de tempo em um sentido indeterminado e não exclusivo.

Com base nas discussões dos autores, essas definições destinam-se a incluir dois tipos de relação: (i) primeiro, mudança. Predicados descrevem estados, situações, propriedades entre outros, que podem permanecer ou não constantes, ao longo do tempo. Nesse sentido, a noção de mudança é central ao aspecto. (ii) segundo, um evento é composto de um predicado e de algum intervalo de tempo selecionado por falantes, que qualificam as bordas do evento. Comrie (1976:9) considera o aspecto como uma categoria gramatical que pode ser expressa por meio da morfologia flexional ou por meio de perífrases. Contudo, esse autor estabelece duas distinções para as noções de *Aktionsart* (modalidade de ação) e de aspecto, segundo os autores que as utilizam como categorias distintas.

Então, assumimos aqui, que a noção de aspecto está relacionada à categoria semântica que expressa detalhes qualitativos ou quantitativos internos de uma determinada ação, processo, estado ou evento, como, por exemplo, uma ação prolongada ou momentânea, acabada ou não. Dessa forma, o aspecto diz respeito à noção de contínuo, durativo ou pontual, por exemplo, que em muitas línguas pode estar marcado lexicalmente ou gramaticalmente na palavra, por meio de conjugação perifrástica com verbo auxiliar ou por outros meios lexicais e/ou sintáticos. No caso específico do Manxineru, o aspecto é marcado morfologicamente no verbo.

Nesse sentido, aspecto expressa um evento como momentâneo, desprovido de duração temporal, não tendo a referência ao momento da fala, como ocorre na categoria tempo. Diferencia-se ainda do modo, que exprime a avaliação subjetiva do falante em relação ao fato relatado.

4.2.1 Aspecto perfectivo

Em nossa análise da realização de aspecto em Manxineru, consideramos que o morfema {-taka} contribui com o significado de algo concluído, porém ressaltando que nada é dito sobre o fato de que o processo ou estado foi esgotado ou não, mas sim apenas realizado.

- (47) no-ji-ka-taka
1S-acordar-C.V-PERF
'eu já acordei'
- (48) r-içeri-ka-taka
3S.M-cair-C.V-PERF
'ele já caiu' (não está mais em pé)

4.2.2 Aspecto Imperfectivo

O imperfectivo marca o núcleo de predicados verbais, nominais ou adjetivais, mas nestes dois últimos casos, em situações bem específicas. O morfema {-ni ~ -nitfi} marca uma ação como inacabada, cujo término não está delimitado. Trata-se de algo que pode nem mesmo ter iniciado, estando apenas previsto.

- (49) ri-jo-ka-ni
3S.M-acordar-C.V-IMPERF
'ele vai acordar'
- (50) to-jo-ka-nitfi
3S.F-ir-C.V-IMPERF
'ela ainda vai acordar'
- (51) hi-pala-na-nitfi
3PL-levantar-PL-IMPERF
'eles/elas vão levantar'

Embora a tradição linguística interprete, em português, esses exemplos como correspondentes ao futuro, na maioria das línguas indígenas (cf. Rodrigues 2002) e também em Manxineru, não se trata de tempo, mas de um processo que pode ter-se iniciado ou que é projetado, mas cuja realização não foi concluída.

4.2.3 Aspecto progressivo

Para Timberlake (2007:287), o aspecto progressivo é um aspecto que se refere a um processo que está em desenvolvimento, que está acontecendo na ocasião contextual do momento da fala. Ou seja, a noção de aspecto progressivo é aquela que corresponde ao aspecto que marca um processo verbal como estando ainda em desenvolvimento. Nas palavras de Comrie (1976), o aspecto progressivo é como uma subcategoria de aspecto imperfectivo. Timberlake (2007:24) afirma que sempre existe uma fronteira tênue entre as categorias de aspecto.

Nesses termos, entendemos o processo progressivo como um estado em plena realização ou existência, tendo sido iniciado antes do momento da fala e podendo não ter um término definido, configurando-se em um intervalo. No Manxineru, os morfemas {-çeta ~ -çeçeta} marcam esse aspecto. Os exemplos seguintes mostram, contrastivamente, expressões dos aspectos perfectivo e progressivo.

- (52) a. ri-mi-ka-na
3S.M-dormir-C.V-PL
'eles dormiram'
- b. ri-mi-ka-çeçeta-na
3PL-dormir-C.V-PROG-PL
'eles/elas estão dormindo'
- (53) a. to-jo-ka
3S.F-acordar-C.V
'ela acordou'
- b. to-jo-ka-çeta-maka
3S.F-acordar-C.V-PROG.FRUST
'ela está acordando' (quando não se tem a certeza do fato)
- (54) a. ha-pala-na
3S.M-voar-C.V
'voar', 'ele voa'
- b. ha-pala-na-çeta
3S.M-voar-C.V-PROG
'ele está voando'
- (55) a. ri-jo-ka-na
3S.F-acordar-C.V-PL
'elas acordaram'
- b. ri-jo-ka-çeta-na
3S.F-acordar-C.V-PROG-PL
'elas quase acordaram' (no sentido de está acordando)

4.2.4 O imperfectivo e a noção de continuidade

O imperfectivo é o aspecto que transmite a noção de evento que se projeta para um determinado momento, mas que pode estar em andamento, como exemplificamos em (56).

- (56) to-po-ka-ni
 3S.F-chegar-C.V-IMPERF
 ‘ela vai chegar’ (a pessoa ainda vai chegar, mas já está a caminho)

No exemplo (56), a interpretação pragmática é de que o sujeito está andando para depois chegar. O processo está em pleno desenvolvimento, estando, assim, inacabado.

4.2.5 Aspecto Frustrativo

O aspecto Frustrativo lusivo é aquele em que o objeto da ação não é alcançado, ou seja, o que era esperado não ocorre. No Manxineru, esse aspecto é expresso por meio do sufixo {-maka}.

- (57) ri-jo-ka-çeta-maka
 3S.M-acordar-C.V-PROG.FRUST
 ‘ele está acordando’ (não se sabe se vai acordar, não há certeza)

- (58) ni-çiri-ka-maka kise hi-ni-çiri-ka-na
 1S-cair-C.V-FRUST CONJ NEG-1S-cair-C.V-ENF
 ‘eu ia cair, mas não caí’

- (59) wale r-eta-maka
 ele 3S.M-ver-FRUST
 ‘ele poderia ver’ (poderia, mas não conseguiu)

Quando, no imperativo, se quer marcar uma fala atenuativa, polida, educada, faz-se o uso do sufixo {-ni}, como evidenciaremos mais a frente.

4.3 Modo e modalidade

O modo é visto de uma maneira geral como uma categoria que expressa distinções sintáticas e semânticas associadas aos paradigmas verbais, enquanto as modalidades são consideradas como tendo caráter mais subjetivo e com a função de indicar contrastes em verbos e categorias associadas a eles (Crystal 1988:174). Comrie (1976:3) afirma que a modalidade se associa ao estado das proposições de que se descreve o evento. Para Dubois (et. al. 2006:413), modalidade e modo são sinônimas, sendo que estas terminologias costumam

ser entendidas, em uma análise lógica da frase, como uma série de elementos que indicam toda a intenção do falante. Assim, o processo é julgado realizado ou não; desejado ou não; aceito ou não, em suma, são todas as intenções do falante na hora da enunciação. Por esse prisma, todas as frases são marcadas por modalidade aparente ou implícita. Dubois (op. cit.) acrescenta ainda que “os modos gramaticais são apenas um dos meios utilizados para exprimir a modalidade que toma frequentemente a forma de uma oração”.

Para Timberlake (2007), modalidade é a noção das realidades alternativas mediada por autoridade. Dessa forma, para o autor, a modalidade pode se tornar algo mais gramatical (morfológica) e essa gramaticalização da modalidade pode ser entendida e/ou chamada de modo.

Já na concepção de Palmer (1986:21), o que difere modalidade de modo é que este é uma categoria gramatical expressa na morfologia verbal, e aquela não. Outra afirmação de Palmer (op. cit.), de certa forma, corrobora as concepções de Timberlake (op. cit.), pois Palmer (1986) definiu a modalidade como a gramaticalização das atitudes e opiniões do falante.

Ainda sobre o tema, Palmer (op. cit.) afirma que há dois tipos principais de modalidade, a epistêmica e a modalidade denominada de deôntica e suas respectivas categorias. Assim, resumidamente, a modalidade epistêmica relaciona-se com as noções de possibilidade e necessidade e envolve também o grau de comprometimento do falante com o que ele diz, incluindo, dessa forma, os juízos próprios e o tipo de garantia que ele tem para o que ele diz (Palmer 1986:51). Já a modalidade deôntica relaciona-se às modalidades que contemplam um elemento de vontade, ou seja, as atitudes do autor-falante para o valor de verdade ou de estado factual da proposição, que, de certa maneira, pode ser resumida como modalidade proposicional (Palmer, op. cit. p. 96).

Outro ponto de vista, que deve se observar, é o de Jespersen (1924:313), que, ao tratar sobre o tema, distingue as categorias de modo e de modalidade. Assim, para o autor, modo é uma categoria sintática (+gramatical), enquanto modalidade é uma categoria semântica.

Apesar da dificuldade de diferenciar modo e modalidade em Manxineru, procuramos fazer a distinção entre esses domínios, mesmo que seja comum se usar o termo modalidade, como uma forma genérica para se referir às duas classificações.

O modo imperativo indica um comando direto, que é percebido pela inflexão do contorno entoacional, mas que pode ser marcado gramaticalmente na morfologia do verbo por meio do sufixo {-na} (exemplo 61). Assim, no primeiro caso só se pode conferir o modo, verificando o aumento da curva de 4F_0 no início, com queda na última sílaba do enunciado, com pausa maior entre a penúltima sílaba e a última.

⁴ A esse respeito, ver estudo mais detalhado de fonética acústica em Couto (2016).

Exemplos que ilustram o modo imperativo:

- (60) lukas fima kafi-ta-ni
Lucas peixe pegar-C.V-3S.F.O
'Lucas, pegue o peixe!'
- (61) pi-jla-ta-na-li
2S.M-matar-C.V-IMPER.ENF-3S.M.O
'mate a (onça)!'
- (62) pi-jane
2S-ir
'vá!'

Exemplos que ilustram o modo afirmativo:

- (63) lukas sati fima kowtfoha-ta-ka
Lucas um peixe pescar-C.V-PERF
'Lucas pescou um peixe'
- (64) kihile-ri hona-ha ni-ra-na
boa-3S.M água-CLASS 1S-beber-ENF
'eu vou beber água boa'

Exemplos que ilustram o modo interrogativo

- (65) pi-ni-ka-li=he?
2S.comer-C.V-3S.M.O=INT
'você o (o jacaré) comeu?'
- (66) kihile-ri hona-ha ri-ri pira-ta=he?
boa-3S.M água-CLASS 3S.M-beber querer-C.V=INT?
'ele quer beber água boa?'
- (67) lukas fima kowtfoha-ta=he?
Lucas peixe pescar-C.V=INT
'Lucas pescou o peixe?'

Para marcar gramaticalmente uma construção interrogativa, se faz o uso da partícula {he=} na margem direita da sentença ou na junção de frases que tenham adjetivos como núcleo. Além disso, há a inflexão do tom, ou seja, é uma característica acústica entoacional, no caso a taxa de *pitch*⁵, no início das

⁵ A esse respeito, ver estudo mais detalhado em Couto (2016).

orações. Porém há casos em que a partícula interrogativa não aparece, e só pela entoação e contexto que será possível saber se se trata de uma sentença interrogativa.

4.3.1 Modalidade de polidez

A modalidade de polidez é a modalidade de tratamento enunciativa, ou seja, como o falante se relaciona discursivamente com o interlocutor. Essa atitude é que estamos nomeando aqui de modalidade de polidez (e/ou de cortesia), conforme evidenciado nos exemplos (68b-70b).

(68) a. pi-fihalo-ka
2S-entrar-C.V
'entre!'

b. pi-fihalo-ka-ni
2S-entrar-C.V-ATN
'entre, por favor!'

(69) a. pi-fipa-ka
2S-sair-C.V
'saia!'

b. pi-fipa-ka-ni
2S-sair-C.V-ATN
'saia, por favor!'

(70) a. pi-ni-ka
2S-comer-C.V
'coma!'

b. pi-ni-ka-ni
2S-comer-C.V-ATN
'coma, por favor!'

Todas as expressões de modo e modalidades em Manxineru realizam-se em construções negativas, com o acréscimo da partícula {hi=}, antecedendo o núcleo do predicado, como mostram os exemplos seguintes.

(71) lukas hi=kaçi-ta-li fima-ne
Lucas NEG-pescar/pegar-C.V-3S.M.O peixe-PL
'Lucas não pescou os peixes'

- | | | |
|------|-------------------------------------------------------------|------------------------------|
| (72) | hi=ra-li-ka
NEG-3S.M-querer-C.V
'ele não quer beber?' | hi=jre-ta?
3S.M-beber-C.V |
|------|-------------------------------------------------------------|------------------------------|

5. Considerações finais

Argumentamos no presente trabalho que, na língua Manxineru, há dois tipos principais de predicados: o não-verbal e o verbal, sendo que a distinção principal está no tipo do núcleo, ou seja, se se trata de nome, adjetivo ou de verbo. Além disso, verificarmos que os predicados não-verbais podem ser subdivididos em apresentativos, essivos e existenciais/ estativos. Já os predicados verbais são de dois tipos, os transitivos e os intransitivos.

Mostramos também, no presente estudo, que em Manxineru, as vozes passivas e reflexivas são marcadas gramaticalmente, sendo que o sufixo {-ka} marca a voz passiva e o sufixo {-nawa} marca a voz reflexiva e que as duas vozes resultam na redução de valência do verbo.

Acerca da noção de tempo, apoiamo-nos em Comrie (1976:9), quando o autor afirma que muitas línguas ao redor do mundo não possuem uma categoria temporal marcada gramaticalmente, e que essas línguas possuem uma referência temporal expressa lexicalmente. Essa também é a nossa visão, o que diferencia o nosso trabalho de outros, que estudaram a língua Yine (Piro-Manxineru), não postulamos que há marcas gramaticais de tempo nos verbos, mas sim de aspecto e/ou de modo e modalidade.

Apesar dos vários posicionamentos distintos sobre a noção de aspecto, o que provoca certa dificuldade para a análise, em nossa pesquisa, identificamos, para o Manxineru, quatro tipos de aspecto: aspecto progressivo, perfectivo, imperfectivo e frustrativo, sendo que este último pode ter ainda a noção acumulativa de continuidade.

Vimos ainda que o modo é, de forma ampla, conceituado como uma categoria que expressa distinções sintáticas e semânticas associadas aos paradigmas verbais, enquanto as modalidades são consideradas como de caráter mais subjetivo e com a função de indicar contrastes em verbos e categorias associadas a eles (cf. Crystal 1988:174). De forma geral, Comrie (1976:3) afirma que a modalidade se preocupa com o estado das proposições de que se descreve o evento, o que a torna menos gramatical e mais pragmática.

Por fim, mostramos que a língua Manxineru tem alinhamento Ativo-Estativo.

Referências

- Aikhenvald, Alexandra Y. *The Arawak language family of The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press. 1999b:65–106.
- _____. *Evidentiality in grammar*. In: BROWN, Keith (Ed.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. pp. 320-5, Volume 4, 2 edition. Elsevier: Oxford, 2006.
- _____; Dixon, R. M. W. (Org.). *The Amazon languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a:107 – 124.
- Cabral, A. S. A. C.; Manxineru, L. A.; Couto, F. P. ; Manchineri, M. S. Bases culturais para atribuição de gênero em Manxineru. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 7:321-341, 2015.
- Comrie, Bernad. *The World's Major Languages*. 2. ed. USA: Routledge, 2009.
- _____. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- _____. *Language universals and linguistic typology: syntax and morphology*. 2. ed. Chicago: University of Chicago, 1981.
- Coseriu, E. Sobre las categorías verbales (partes de la oración). *Revista de Linguística Aplicada*. Concepción, 1972. p.7-25.
- Couto, Fábio Pereira. *Conexões entre processos morfofonológicos e acento em Manxineru: a variedade Yine (família Aruák) falada no Brasil*. [Tese de Doutorado]. Brasília: UnB, 2016. 368 p.
- _____. *Contribuições para a Fonética e fonológica da língua Manxineru (Aruák)*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília, 2012.
- _____. *Considerações Preliminares sobre os processos de vozeamento, nasalidade e dessoantização em Manxineru (Aruák)*. In: *Linguística*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014:135-148.
- _____. Análise da fonética experimental sobre proeminência do acento em Manxineru. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9:49-69, 2017.
- Crystal, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Trad. de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1988.
- Dixon, R. M. W. *Ergativity Language*. n. 55:59-138, 1979.
- _____. *Ergativity*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1995.
- Dubois, Jean et. ali. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cutrix, 2006.
- Foley, William A.; VAN VALIN JR., Robert D. *Functional Syntax and Universal Grammar*. New York: Cambridge University Press, 1984.

- Jespersen, Otto. *The philosophy of grammar*. London: G Allen & Unwin, 1924.
- Lin, Yen-Hwei. Syllabic and Moraic Structures in Piro. In: *Phonology*, Vol. 14, n. 3 (1997), pp. 403-436.
- Matteson, Esther. *The Piro (Arawakan) language*. California, USA: University of California, 1965.
- _____. *Piro myths*. 4. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers. 1951.
- _____. *Piro phonemes and morphology*. 11. Berkeley: Kroeber Anthropological Society Papers, 1954.
- _____. *Analyzed Piro text: a boy and a jaguar*. 12. Kroeber Anthropological Society Papers, 1955.
- Palmer, F. R. *Mood and modality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- Ramirez, Henri. *Línguas Arawak da Amazônia Setentrional: comparação e descrição*. Manaus, Universidade do Amazonas, 2001.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. *Morfemas do Verbo Tupi*. Curitiba: Separata de ‘Letras’, 1953.
- _____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- Sebastián, RittmaUrquía. *Yine: Ilustraciones fonéticas de lenguas ameríndias*. In: Marlett, Stephen A. Lima: SIL International y Universidad, 2006.
- Silva, Edineide dos Santos. *Fonética e análise fonológica preliminar da língua MANXINÉRI*. [Dissertação de Mestrado]. Brasília: Universidade de Brasília, 2008. p. 32.
- _____. *Aspectos gramaticais da língua indígena Manxinéri (Aruák)*. Brasília: Universidade de Brasília, 2013. [Tese de Doutorado]. p. 128.
- Timberlake, Alan. 2007. Tense, aspect and mood. In: Shopen, Timothy (ed.). *Language Typology and Syntactic Description*, 2 ed. v., Cambridge: CUP, 2007.
- Van Valin Jr., Robert D. *An introduction to Syntax*. Cambridge, United Kingdom: Cambridge University Press, 2004.
- Vendler, Zeno. 1967. Verbs and Times. In: *Linguistics in Philosophy*, ed. Zeno Vendler, 97-121. Ithaca: Cornell University Press.

Recebido em Julho de 2017

Aceito em Setembro de 2017.